



OS DANÇANTES DOS BUMBÁS DE PARINTINS E O FETICHE DOS ESTERÓIDES ANABOLIZANTES

Jafer da Silva de Freitas¹

Elizandra Garcia da Silva- PPGE/ UFAM

Michelli Luciana Massolini Laureano- PPGE/PORTO

Rogério Massarotto de Oliveira- UEM

Raissa Louany Cunha Ferreira- UFAM

Adriano da Silva Canto- UFAM

Resumo: Esse artigo tem como objeto analisar as possíveis mediações do modelo corporal dos dançantes do Festival dos Bumbás de Parintins e o fetiche da mercadoria esteróide anabolizante. O problema empírico e concreto é por quê o modelo de corpo estereotipado para o Festival dos Bumbás interfere na utilização de esteróides anabolizantes por parte dos dançantes? A hipótese ao problema se consubstancia nas análises do fetiche da mercadoria e a subjetividade reificada, materializados a realidade dos Bumbás de Parintins. Justificamos a compreensão desse problema nos trabalhos realizados pela universidade e Associações Folclóricas. Compreendo que o método capaz de prestar embasamento para essa discussão é o materialismo histórico e dialético, sistematizado no bojo dos conflitos do problema empírico com a cientificidade em; questões introdutórias; cultura, dança e emancipação humana; sínteses; e citamos as referências.

Palavras-chave: esteróides anabolizantes; modelo corporal dos dançantes dos Bois de Parintins; mercadoria; reificação da subjetividade.

1.0 Questões introdutórias: O fetiche da mercadoria, a subjetividade reificada e o modelo corporal.

“A figura do processo social da vida, isto é, do processo da produção material, apenas se desprenderá do seu místico véu nebuloso quando, como produto de homens livremente socializados, ela ficar sob seu controle consciente e planejado. Para tanto, porém, se requer uma base material da sociedade ou uma série de condições materiais de existência, que, por sua vez, são o produto natural de uma evolução histórica longa e penosa.”

¹ Professor de Educação Física nas cidades de Maringá e Mandaguçu, Paraná.

O objeto desse estudo é analisar as possíveis mediações do modelo corporal dos dançantes do Festival dos Bumbás de Parintins e o fetiche da mercadoria esteróide anabolizante, a luz das referências da área. Para tecer tal análise partimos do pressuposto de que tal objeto se encontra na sociedade capitalista e, expressa contradições e características *sui generis* desse próprio sistema, materializadas à localidade de Parintins no Amazonas.

A opção desse estudo por elencar as determinações sociais pertinentes ao objeto, e analisar suas contradições, nos desafiou à necessidade de pontuar e analisar, como pressuposto, a existência da luta entre as duas principais classes sociais e as mediações dessa contradição nas demais instâncias da sociedade do capital.

Irradia das referências que embasaram esse estudo que a contradição do capital versus o trabalho, se consubstancia na luta entre os capitalistas, que têm o poder e os meios para produzir e se reproduzir enquanto classe, e, que querem manter-se no poder social e acumular mais, e os que não têm, trabalhadores, que vendem a força de trabalho pra sobreviver, e, que além de sobreviver lutam para ter uma sociedade em que os trabalhadores dirijam, associados livremente, emancipados das mordças do capital, até que se chegue ao comunismo, momento em que as características eminentemente humanas poderão ser (re) significadas (MARX; ENGELS, 2003).

Partindo desses apontamentos iniciais, compreendemos a análise do fetiche dos esteróides anabolizantes, dentre os variados produtos consumidos pelos sujeitos dançantes do Festival², como a análise do fetiche das mercadorias que se particularizam no objeto, sejam elas os esteróides anabolizantes, bem como outros valores da produção de mercadorias se materializam em múltiplas outras determinações, e, dentre elas, o recorte dessa pesquisa elencou analisar as mediações concretas expressadas no modelo corporal dos dançantes do Festival dos Bumbás de Parintins. A discussão da temática do modelo corporal dos dançantes dos Bois Bumbás Caprichoso e Garantido é compreendida no seio da análise desse fetiche que permeia a mercadoria e constitui a subjetividade reificada, contribui à manutenção da base estrutural social do capital.

² Vale pontuar que esse estudo não afirma que todos os sujeitos e sujeitas dançantes dos Bumbás se utilizam de esteróides anabolizantes ,ou outros produtos, para alcançar o padrão de corpo aceito para tais apresentações. Mas que, os dançantes que se utilizam dessas mercadorias, são movidos ao consumo pelo fetiche e para o enquadramento ao referente padrão de corpo.

Essa foi a preocupação empírica enquanto ponto de partida para essa investigação, buscar cientificidade no porquê o modelo de corpo estereotipado para o Festival dos Bumbás interfere na utilização de esteróides anabolizantes por parte dos dançantes dos Bois Parintinenses?

É importante ressaltar, nesse recorte do problema de investigação, que entendemos não haver um modelo de corpo dos jovens brasileiros e Parintinenses, distinto do modelo mundial buscados pelos jovens, compreendemos sim, que o modelo mundial, construção e divulgação própria do capitalismo imperialista, se materializa no modelo estimado pelos jovens brasileiros, assim como dos jovens parintinenses ou de outras localidades, reservadas as particularidades.

E, ressaltamos ainda, que esse objeto de estudo é concreto e emergiu das primeiras observações empíricas, do cotidiano dos dançantes, ou aspirantes a dançantes, dos Bumbás, e ainda, quando das apresentações do Festival, observações essas que foram tomadas de empréstimo como parte do método, que versa que:

As premissas de que partimos não têm nada de arbitrário, não são nenhuma classe de dogmas, mas premissas reais, das quais só se pode abstrair na imaginação. São indivíduos reais, sua ação e condições materiais de vida, tanto aquelas que encontraram já prontas como as engendradas por sua própria ação. Essas premissas podem ser comprovadas, conseqüentemente, pela via puramente empírica (MARX; ENGELS, 1974, p. 19 apud SAVIANI, 2004, p. 38).

A partir de nossas constatações empíricas iniciamos os estudos para dar os nexos científicos ao objeto estudado. Nesse sentido, ao elencar as análises acerca da mercadoria fetichizada, que infere no modelo corporal dos dançantes dos Bumbás Parintinenses foi necessário resgatar a teoria marxiana que nos subsidiou a análise da existência dos valores da mercadoria, ou seja, o valor de uso e o valor de troca, de modo que, somente assim compreendemos o porquê de existir um fetiche permeando a esfera da mercadoria, de forma objetiva, e conseqüentemente, das subjetividades humanas, e, em especial nesse estudo na subjetividade dos dançantes dos Bumbás de Parintins em constante busca do modelo de corpo estereotipado para o Festival.

O entendimento referente a mercadoria e seus valores, foram embasados nos estudos de Marx (2005, p. 13) que afirma somente ser possível ao produto da intervenção do homem sobre a natureza, por meio do trabalho, ser compreendido como mercadoria se o mesmo é trocado, e no capitalismo essa relação de troca se dá no

mercado. Assim sendo, para esse autor, a mercadoria possui um valor quando a utilidade é a sua qualidade, possui valor de uso e unicamente por isso ela pode ser permutável, e ainda, possuir valor de troca.

Ou seja, nenhum produto que não satisfaz necessidades, que não tem valor de uso, se torna mercadoria, apenas o que é útil pode se mover no mercado como mercadoria e gerar capital, pois “Em uma sociedade que se reproduz enquanto uma ‘imensa coleção de mercadorias’, faz com que a mercadoria seja a relação social predominante entre os indivíduos” (LESSA, 2006, p. 231- grifo do autor). Essa se torna tão predominante que chega ao ponto de reificar a subjetividade humana, sendo a subjetividade expressão concreta da objetividade, da materialidade da sociedade capitalista.

Assim, a hipótese que traçamos para esse estudo indicou haver um fetiche em todas as mercadorias e, por consequência materializa-se nos esteróides anabolizantes. E que há características da produção das mercadorias como o estranhamento e a reificação que se materializam na subjetividade dos sujeitos e que a mídia propaga essa reificação da subjetividade materializada num modelo de corpo que é buscado pelos dançantes dos Bumbás de Parintins.

As qualidades dos seres humanos, objetadas no produto, são reduzidas a mercadorias tendo a possibilidade de serem permutadas, diante a satisfazer uma necessidade seja ela primordial ou artificialmente criada, ou seja, é produto externo ao homem que o produziu. O esteróide anabolizante, enquanto mercadoria, têm qualidades, constitui valor de uso terapêutico voltado para as necessidades concretas, primordiais para a saúde.

No entanto, verifica-se o uso dessas substâncias muito mais veiculadas a fins estéticos, influenciados pela sociedade do consumo por meio da mídia, da cultura da imagem, constituição essa que contribui para a coisificação, reificação da subjetividade dos sujeitos e os mantém alienados do processo de produção e reprodução social da vida, de características eminentemente humana, decorrentes inclusive das produções da cultura popular, pois a relação decorrente entre as pessoas passa a ser mediada pelas relações da produção de mercadorias, de forma coisal.

Essa análise possui elementos peculiares no segmento dos jovens da cidade de Parintins, devido as particularidades dessa Cidade, em especial concretizado na pauperização da maioria de sua população, constituindo a 34ª colocação do PIB per capita do Estado do Amazonas e que projetam no Festival dos Bois Bumbás a possibilidade de trabalho e status, ou seja, sua produção e reprodução enquanto sujeitos. Nesse contexto os jovens se utilizam das substâncias esteróides anabolizantes, dentre outros artifícios, de forma ainda menos científica, se comparado a outras cidades (IBGE, 2011).

Nossas constatações empíricas delinearão, para construirmos os nexos de cientificidade, que os esteróides anabolizantes têm utilização latente entre os dançantes e aspirantes a dançantes dos Bois. E, além dessas substâncias, de ingestão por via oral ou com aplicação intra muscular, há injeções de silicone com métodos empíricos, e privados de cuidados com a saúde.

O comércio da mercadoria dos esteróides anabolizantes tem por consumidores, os jovens de ambos os sexos, justificado por suas transformações químicas, possuir, dentre os efeitos, a retenção hídrica, ocasionando o inchaço da musculatura, fator esse que, associado a outra característica típica do capital, que é a imediatividade, e a outros fatores, atraem os jovens para seu consumo (IANNI, 1999). As altas taxas de consumo de esteróides entre os jovens, apontam para uma mudança na aspiração desses pelo modelo corporal, munidos das associações às cirurgias plásticas, e que, nas mediações em Parintins se estende às próteses de silicone. Para Venâncio et. al. (2010, p. 192):

Na última década, houve um avanço sobre os mecanismos responsáveis pela ação dos esteróides anabolizantes sobre os sistema musculoesquelético, influenciando a massa magra, o tamanho muscular, a força, o metabolismo de proteína e o metabolismo ósseo. (...) mas (...) recentemente, foi constatado que quase 100 % dos usuários de anabolizantes apresentavam algum efeito colateral. Dentre eles, os mais comuns são acne, atrofia testicular, retenção hídrica, alterações do humor e ginecomastia. Além disso, existe grande alteração das variáveis bioquímicas com o uso dos esteróides anabolizantes, como hormônios do eixo hipotálamo-hipófise-gonadal, enzimas hepáticas, células do sistema hematopoiético e perfil lipídico sanguíneo, amiúde referido como fator de risco para o aparecimento de doenças cardiovasculares.

Há inobservância a esses efeitos colaterais e o seu consumo continua sempre a “expandir constantemente o valor de troca” enquanto mercadoria (MÉSZARÓS, 1985, p.

14 apud ANTUNES, 2001, p. 21). Essa relação de troca aumenta devido ao estímulo da sociedade capitalista para um modelo de corpo cada vez mais hipertrofiado e com musculatura definida, que pode ser obtido de diferentes formas, sendo uma delas por meio do esteróide anabolizante. Esse modelo corporal na mediação dessa Cidade possui relações com as idealizações desses jovens com as danças do Festival dos Bumbás, em que os dançarinos e dançarinas exibem corpos com poucas vestimentas nas apresentações.

Essa realidade concreta implica ainda que na comercialização ou no processo de troca para adquirir a mercadoria esteróide anabolizante, momento em que os sujeitos se encontram somente para realizar a troca de seus produtos, e então confrontam os seus trabalhos introduzidos neste, se caracteriza por uma relação entre as coisas, somente se encontram e se relacionam devido a troca de suas mercadorias, isto é, “as relações sociais, relações entre os homens, aparecem como relações entre as coisas”, que se dão em locais específicos, os mercados, que escondem as relações sociais existentes na produção das mercadorias (NETTO, 2006, p. 92).

Assim, a compreensão é alavancada no sentido de que a satisfação das necessidades humanas, constituída por relação social entre os seres humanos, devido a esse caráter coisal da mercadoria, também se torna coisal, ou fatasmagórica, como apontou Marx (1980, p. 160), ao adentrar à categoria de fetiche sinalizando à relação coisal entre os sujeitos, na produção e própria da mercadoria, rebusca à “[...] região nebulosa da crença. Aí, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras humanas que mantêm relações entre si e com os seres humanos [...]” é o que ocorre com os produtos da mão humana no mundo das mercadorias, como se os mesmos tivessem vida própria, e mantivessem relações entre eles e com os seres humanos, chamado pelo autor de fetiche (ibid. p, 161).

Esse efeito que a mercadoria e a mercadoria esteróide anabolizante exerce nesses jovens, move, em Parintins, assim como em várias outras localidades, tanto um mercado formal, que podem ser as casas veterinárias ou afins e o mercado informal localizados principalmente nas áreas periféricas da Cidade, adendados a academias de ginásticas caseiras, que possui extensivo mercado clandestino, *locus* de algumas de nossas observações.

O caráter de mercadoria fetichizada dos esteróides anabolizantes lhe dá essa vida própria como característica, e o coloca nas aparentes relações com outras mercadorias, como a indústria da moda, das academias, dos programas de treinamento e com os seres humanos, em especial os jovens que encontram nos anabolizantes um mecanismo de acelerar o alcance do modelo de corpo imposto pela sociedade do capital, e até mesmo os jovens que não têm a consciência do porquê usou essas substâncias.

Trilhando ainda esse caminho de compreensão resgatamos os resultados da pesquisa de Silva e Freitas (2011) ao elencar o modelo de corpo como fator junto ao fetiche da utilização de esteróides anabolizantes. Esses autores (2011) referenciaram os estudos de Iriart, Chaves e Orleans (2009, p. 777-779) na cidade de Salvador, dos quais nos apropriaremos para esse estudo pois indicam, de modo concreto, os objetivos do uso dos esteróides anabolizantes e os seus fetiches. A população do referente embasamento foi constituída por praticantes de musculação que utilizavam esteróides anabolizantes e atribuíram o consumo as seguintes respostas:

Tomei só de onda, os outros tomando, fui na pilha e tomei também [sujeito 1], Eu via as pessoas se aplicando, aí comecei a me injetar também [sujeito 2], Eu já malho há algum tempo [sujeito 3], Eu percebi que eu cheguei num platô, não saía dali, eu queria mais. Então, anabolizante me proporcionou, pegar mais peso [sujeito 4], E eu tomava suplemento alimentar tudo e não via nenhum [resultado], era caro, né? Complicado pra mim e o anabolizante era mais barato o efeito era rápido aí eu resolvi usar [sujeito 5].

Nas palavras de Alves (2006, p. 23) a produção de mercadorias é um processo em que “[...]o objeto se fez coisa, o sujeito se interverte noutra coisa [...] a subjetividade torna-se outra — é ‘subjetividade’ (com aspas)”, ou seja, no momento em que a mercadoria assume domínio do sujeito, sua subjetividade é afetada pelo modo de produção capitalista que incide sobre a produção e reprodução da vida humana, ditadas por meio do processo de troca de mercadorias do modo de produção capitalista, assim, subjetividade vai se constituindo como refeita pela incidência da objetividade do capital.

No que tange a constituição da subjetividade, a forma de produção capitalista, além da interferência do fetiche da mercadoria, está baseada sobre a exploração do trabalho social humano e apropriação individualizada dos bens produzidos. A exploração da mais valia, ou seja, o excedente de trabalho do trabalhador que consta em toda mercadoria, coloca esse trabalhador alienado do que ele produz, pois em troca de toda sua força de trabalho ele recebe um salário, e estranhado da construção das relações de

mediação de primeira ordem, que o desenvolveriam enquanto ser humano, em sua relação com a natureza e com os outros homens, não fosse a obliteração pelo processo de produção de mercadorias para o capital, que se expressa de forma coisificada, bojo no qual discorreremos acerca das contradições do Festival dos Bois como cultura (MÉSZARÓS, 2008).

A constituição da reificação e a coisificação do homem na produção de mercadorias e reprodução da vida, têm a mercadoria como mediadora de relações sociais, e, na leitura dialética, a mercadoria tem em sua essência autêntica, o ser social, que nesse contexto adquire importância no desenvolvimento objetivo da sociedade e, conseqüentemente influenciam as atitudes do homem formando sua consciência reificada (LUKÁCS, 2003).

Da mesma forma que existe o fetiche da mercadoria concreta, este se transfere à subjetividade humana, pois o “fetichismo é uma forma de objetividade e subjetividade social do mundo das mercadorias” que exerce domínio sobre o homem. É o que Marx (1985, p. 199 apud ALVES, 2006, p. 41) expõe quando se refere a sociabilidade capitalista “relações reificadas entre as pessoas e relações sociais entre as coisas”, pois são essas coisas que vão para o mercado e alavancam, determinam as relações humanas. É um conformismo das condições que a sociedade produtora de mercadorias impõe às pessoas e possui intencionalidade no sentido de aprofundar a negação das qualidades humanas (LUKÁCS, 2003).

A subjetividade humana reificada, obliterada pelo capital sofre influência das manipulações midiáticas do mundo globalizado. A mídia é uma mercadoria³ imaterial utilizada pelo capital para influenciar a subjetividade humana à valores característicos da sociabilidade capitalista, ou seja, hegemônicos⁴, concretizados a partir da subjetividade refiada dos dançantes dos Bois, que ministram os esteróides anabolizantes, dentre outras mercadorias, para adentrar o mundializado padrão de corpos (DIAS, 2006).

³ Ver Ianni, 1999.

⁴ Segundo Gramsci (1995 apud SOUZA, 2005, p. 2-3) “a hegemonia seria a direção moral e intelectual de uma sociedade, onde a dominação “física” e corpórea é auxiliada pela instauração do consenso”. A respeito do conjunto de classes dominantes na sociedade capitalista.

A propagação de imagens é necessária ao capital para alienar os expectadores e expor o cotidiano sucedâneo da experiência da vida, sua reprodução social, assim a padronização corporal, que é mundializada, ganha encaminhamento, e a subjetividade reificada, dotada de fetiche, é perpetuada nas relações sociais fora do trabalho, a imagem propagada pela mídia, em especial para esse estudo dos corpos dançantes dos Bumbás, é essencial para potencializar o desejo artificial do corpo perfeito, aliado ao estímulo do consumo de esteróides anabolizantes (IANNI, 1999).

Por outro lado, e retomando o ponto de partida, vivemos numa sociedade de luta de classes, em que os interesses são conflitantes, e se há esses problemas todos advindos da própria forma de produção e reprodução da sociedade do capital, retomamos os ensinamentos de Marx, que somente com a emancipação humana pode ser dar um processo de encontro do homem com suas características eminentemente humanas, com subjetividade e objetividade que sejam próprias do ser humano e não estranhadas a ele e estranhadas dele, e assim conquistar a liberdade de ser um sujeito dançante do Festival dos Bumbás, sem a necessidade de um modelo corporal (ANTUNES, 1999).

2.0 A subjetividade reificada dos dançantes dos Bumbás: cultura popular, dança e emancipação humana

“Quanto menos comes, bebes, compras livros e vais ao teatro, pensas, amas, teorizas, cantas, sofres, praticas esporte, etc., mais economizas e mais cresce o teu capital. És menos, mas tens mais. Assim todas as paixões e actividades são tragadas pela cobiça.”

Karl Marx

Essa composição do artigo objeta analisar as contradições no diálogo entre a subjetividade reificada dos dançantes dos Bumbás e a compreensão de cultura popular e nela a dança, como agentes mediadores e produtos da emancipação humana. O pressuposto de que partimos para tal análise foi que, a reificação da subjetividade dos dançantes dos Bumbás não se aplica com exclusividade a essa categoria de dançantes, e,

sim, a todos os dançantes e a todos os sujeitos sociais, como produto da objetividade da sociedade do capital⁵.

Nesse sentido é necessário retomarmos os escritos introdutórios para afirmar a existencia de fetiche nas mercadorias, bem como a existencia de imposição dos objetos fetichizados, provedores de vida própria, que produzem desejos e lidam com as dimensões da pré-consciência e da inconsciência humana, podendo ser e servir, para objetos morais ou de valores, como observado, *in loco*, a busca dos dançantes pelo alinhamento ao modelo corporal referenciado aos dançantes do Festival.

Pareado ao fetiche da mercadoria está a exploração na sociedade do capital que aliena o trabalhador de suas produções e o estranha de suas características eminentemente humanas, das relações de primeira ordem, se constituindo assim estranhado, obliterado e coisificado, relações de segunda ordem interrompidas pela produção e reprodução social da mercadoria, compreendido por Marx (1985, p. 199 apud ALVES, 2006, p. 41) como as “relações reificadas entre as pessoas e relações sociais entre as coisas”.

Os estudos marxianos de Frederico (1999, p. 90-91) ao se embasar no objetivo do resgate do humanismo como princípio de luta sinalizaram que o homem necessita de desenvolvimento harmonico e integral e que “[...] A hostilidade à arte e à cultura, própria do sistema capitalista, comporta, ao contrário, o fracionamento da totalidade concreta em especializações abstratas.”

As problemáticas que envolvem essa compreensão são circundantes do entendimento da segregação social em classes, baseada na produção coletiva e apropriação individualizada, e não socializada, dos bens produzidos. Nos meandros dessa contradição Marx (apud FREDERICO, 1999, p. 84-85) afirmou: “somente através do desenvolvimento objetivo da riqueza da essencia humana pode ser, primeiramente, em parte aperfeiçoada e em parte criada a riqueza da sensibilidade subjetiva humana”.

Sendo assim, a apropriação individualizada dos bens produzidos onera ao homem o estranhamento e alienação. Saviani (2000, p. 28) resgata ainda que nos estudos marxianos, o questionamento às constituições da essência humana, têm acertivas no trabalho, nas palavras do autor, que “o conteúdo da essência humana reside no

⁵ Para Alves (2006, p. 22) “[...] subjetividade e objetividade social são determinações reflexivas, no sentido categorial-dialético. É um mero recurso lingüístico-heurístico separá-las”.

trabalho.”, o trabalho que reserve as relações de primeira ordem e não o fissurado pela mercadoria, nas relações de segunda ordem, e subserviente a sociedade do capital e não ao homem (MÉSZARÓS, 2008).

Mas, se o trabalho no capital explora, aliena, estranha, Marx (1996) mediou que assim são as relações sociais capitalistas de produção quando negam, alteram, invertem e obliteram os sujeitos e assim sua subjetividade e essência humanas. A medida que são arraigadas as características do sistema socio metabólico do capital também o são a subjetividade; negada, alterada, invertida e obliterada, cuja ampliação são incontroláveis para o capital, sendo assim, os fenômenos estéticos-culturais do século XX, produtos desse processo (ALVES, 2006).

Marx teceu alguns apontamentos acerca da arte⁶, possíveis de ser mediados a realidade concreta da existência do Festival dos Bois Bumbás Caprichoso e Garantido, que enquanto competição constituiu 46 edições. A cidade de Parintins possui aproximadamente 100 mil habitantes, é uma ilha fluvial do Amazonas, com uma área de 7.069 km². Sua população vive, além do Festival, da pesca e da pecuária, majoritariamente. O acesso a Cidade se dá apenas por vias aéreas e fluviais, e, ainda assim, recebe aproximadamente 30 mil turistas para o Festival. Após sinalização dessa contradição vale o resgate da produção marxiana acerca do desenvolvimento dos Estados e Nações e, em suas palavras: “Em arte, nota-se que determinadas épocas de florescimento não apresentam relação alguma com o desenvolvimento geral da sociedade e também com a base material [...] da sua organização” (MARX apud FREDERICO, 1999, p. 87).

A dança do Festival dos Bumbás de Parintins, como produção humana e expressão da cultura do povo dessa Cidade, que deveria estar a serviço do homem de forma a possibilitar o encontro desse com os bens culturais que produz, e resgate da humanidade desse homem, ao contrário, está constituído como um espetáculo estético-cultural.

As transformações ao longo das manifestações dançantes não se deram apenas no Festival de Parintins, e sim, como característica social mais ampliada, conforme as transformações dos povos e de sua cultura. A partir dessas transformações as danças

⁶ Não adentraremos nesse temário.

“[...] assumiram características mais formais, utilizando-se da técnica [...] e aumentaram a preocupação com a estética dos gestos.” (PARANÁ, 2006, p. 188).

Nesse viés, ao remontarmos o passado recente dos dançantes dos Bois, é possível compreender que eram manifestações emanadas do povo e para o povo. Porém, após o início da década de 1990, passou a ser legado ao Festival características de profissionalização, emaranhadas com as transformações próprias da sociedade do capital nessa década; a reestruturação produtiva⁷ (BRAGA, 2002).

Vale resgatar, no bojo dessas contradições, a compreensão de dança do Livro Didático da Educação Física do Estado do Paraná, que afirma a posição de representação das danças a partir da diversidade cultural dos diferentes povos, e mediando expressões da realidade, “[...] a dança orienta práticas do ser humano, as relações estabelecidas com o trabalho, com a cultura e com a própria organização social [...]” (PARANÁ, 2006, p. 188).

O Coletivo de Autores (1992) complementa essa análise e embasa a contradição da dança para os dançantes dos Bois como possibilidade de linguagem social mediadora de sentimentos, de emoções da afetividade vivenciadas nas esferas religiosa, de guerra, do trabalho, dentre outras características eminentemente humanas. Além dessas características não se concretizarem para os dançantes, no Festival a dança dos Bois é espetáculo, cujos dançantes que apresentam são escolhidos, dentre outros fatores, a partir do critério do modelo de corpo coadunado com o esteriótipo estabelecido.

Além das análises já tecidas, as lentes marxianas resgatam que, e pode ser mediada a realidade concreta dos dançantes, no caso de terem na dança no Festival dos Bois a única forma de sua produção e reprodução humanas, o uso dos esteróides anabolizantes como trampolim do padrão de corpo necessário, em suas palavras: “O homem angustiado por uma necessidade não tem senso algum, mesmo para o espetáculo mais belo [...]” (MARX apud FREDERICO, 1999, p. 85).

⁷ Sobre esse tema ver: ALVES, G. *O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo*. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

_____. *Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2001.

As contradições referentes ao Festival e ao modelo dos corpos dos dançantes, a partir das contextualizações sinalizadas, expressam ainda que, apesar de a dança dos Bumbás ter sido fruto da cultura popular de parintintins, na atualidade com o Festival como espetáculo, esse povo não vivencia essas manifestações dançantes como sua produção e como forma de emancipação, ao contrário, a população acaba por incorporar o emanado pelo espetáculo televisivo, assistindo as apresentações pela televisão ou nos telões afixados nos arredores do Bumbódromo.⁸

É necessário pontuar a existência de outra categoria de dançantes no Festival, as “galeras”, que constituem item de avaliação durante toda a apresentação, tanto para o Boi Caprihoso quanto para o Boi Garantido, mas que, em sua participação não realizam danças típicas indígenas e sim alguns movimentos, nas arquibancadas, que constituam nexos com as “toadas” e “temas”, evocados do “levantador de toadas” e do “amo do boi”, enquanto o espetáculo central segue sendo apresentado (BRAGA, 2002).⁹

Em vias de síntese desse espaço de análises, vale relembrar que as determinações da sociedade do capital não são cristalizadas tal como estão para o Festival: que os dançantes dos Bois de forma ascendente permanecerão para sempre se utilizando de esteróides anabolizantes, e outros compostos, para conseguir o modelo de corpo estereotipado ou mesmo serão sempre dotados dessa subjetividade reificada e enfeitissados pelas mercadorias, ao contrário, essas determinações são dinâmicas, ou seja, os dançantes dos Bois, a partir da luta pela conquista da humanização de suas subjetividades, que se dará com a luta pela conquista da humanização de sua objetividade, poderá aportar a dança como elemento mediador e próprio fim da humanização, pois a mesma vai se constituir a partir de outra linguagem social, e será expressão de sentimentos e emoções eminentemente humanas.

3.0 Das questões introdutórias às sínteses: transformação social e emancipação dos dançantes

⁸ Vale lembrar que a programação exibida nos telões é a mesma da televisão pois a Rede Band é a única emissora de canal aberto autorizada a transmitir o Festival de Parintins.

⁹ As toadas e temas são construídos durante os seis meses que antecede o Festival e são itens de avaliação. É o ritmo das toadas que embala o ritmo dos dançantes. (BRAGA, 2002)

“Tudo o que era sólido se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado, e as pessoas são finalmente forçadas a encarar com serenidade sua posição social e suas relações recíprocas.”

Karl Marx

Consideramos que esse estudo teve a hipótese confirmada: há fetiche na mercadoria esteróide anabolizante e junto a subjetividade reificada, que permite a incorporação de padrões reificados, também para os corpos, determinam a utilização dos esteróides anabolizantes ou outras substâncias que mediem a aceitação desses sujeitos como dançantes dos Bumbás.

Apesar da existência de fetiche embuidos nas mercadorias, e portanto na mercadoria esteróide anabolizante, e que esse fetiche, alinhavado a outras determinações da objetividade da sociedade do capital, tem por expressão a subjetividade reificada, esse processo é munido de contradições, sendo a principal sua situação de existência dinâmica e não estática. Nos escritos de Mézarós (2008), os apontamentos de Marx indicam que não somente a classe tem que se emancipar da dominação da classe dominante, mas que também os indivíduos têm de se emancipar da sujeição a sua própria classe e à divisão social do trabalho, que estranha, oblitera e reifica.

Essas lentes permitem a leitura de que há a necessidade de emancipação da classe exploradora e dos indivíduos, no sentido de sua liberdade. Nesse sentido a arte, e nela a dança e o Festival dos Bumbás de Parintins, poderão contribuir para o encontro do homem com o que há de produção humana, mas somente com a transformação social e a partir da emancipação do homem das amarras do capital serão concretizadas as características humanas de forma plena.

A característica dinâmica da atual conjuntura socio-histórica do homem, no que tange as análises desse estudo, podem ser balizadas pela síntese concreta elaborada por Mézarós (ibid, p. 167), no pertinente as transformações objetivas do sistema socio metabólico do capital, na combinação do que é individual e coletivo, desse processo, e, em suas palavras:

A transformação, pela divisão do trabalho, de forças (relações) pessoais em forças reificadas não pode ser superada arrancando-se da cabeça a representação geral

dessas forças, mas apenas se os *indivíduos* voltarem a subsumir essas forças reificadas a si mesmos e superarem a divisão do trabalho. Isso não é possível sem a comunidade. É somente na comunidade (com outros que cada) indivíduo tem os meios de desenvolver suas faculdades em todos os sentidos; somente na comunidade, portanto, a *liberdade pessoal* torna-se possível (...) Na comunidade real, os *indivíduos* obtêm simultaneamente sua liberdade na e por meio de sua associação. (grifos do autor)

E esses apontamentos do autor nos levaram a considerar, que somente teremos e seremos sujeitos emancipados em condições de vivermos com aprofundamento nossas características próprias de seres humanos quando superarmos a organização sócio metabólica do capital e nos organizarmos para que todos tenhamos acesso as produções sócio históricas da humanidade, como a arte e a dança. E ainda que, arte e dança são elementos culturais mediadores, que, a serviço da humanidade pode contribuir com a transformação social, pois nelas o homem pode rebuscar suas características humanas¹⁰.

A partir dessas transformações os dançantes deixarão de forjar as mais diversas formas de seguir os ditames do modelo corporal imposto pela sociedade do capital e exigido como estereótipo de dançantes dos Bumbás, pois, não haverá mais mercadoria fetichizada e sim apenas os valores de uso, em decorrência o trabalhador não será mais explorado, nem estranhado, menos ainda coisificado, e sim livremente associado, e sua subjetividade não será reificada e produto da objetividade do capital e sim subjetividade humana, fruto dessa nova organização qualitativamente superior a sociedade do capital (DIAS, 2011).

A guisa de conclusão, dialética, rebuscamos novamente os ensinamentos marxianos (apud FREDERICO, 1999, p. 84-85) ao versar que “somente através do desenvolvimento objetivo da riqueza da essência humana pode ser, primeiramente, em parte aperfeiçoada e em parte criada a riqueza da sensibilidade subjetiva humana”, logo a luta política, como meio, é essencial para o acirramento dessas contradições, e para a conquista do fim, sintetizado no pensamento de Lukács como a cultura.

REFERÊNCIAS

¹⁰ Vale lembrar que esse apontamento acerca da arte e dança urge a partir da teoria marxiana das mesmas, não adentrando as discussões da indústria cultural.

ALVES, G. **Trabalho, subjetividade e lazer:** estranhamento, fetichismo e reificação no capital global. IN: PADILHA, V. **Dialética do lazer.** São Paulo: Cortez, 2006.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2001. p. 15 – 119.

AYALA, M.; AYALA, M. I. N. **Cultura Popular no Brasil.** São Paulo: Ática, 1995.

DIAS, E.. **Política brasileira:** embate de projetos hegemônicos. São Paulo: Editora José Luis e Rosa Sundermann, 2006.

_____. **Revolução e história:** das Teses ao Manifesto. São Paulo: Editora José Luis e Rosa Sundermann, 2011.

FERNANDES, F. **O folclore em questão.** São Paulo: Hucitec, 1978.

IANNI, O. **Teorias da Globalização.** 5ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

IBGE. **Produto Interno Bruto dos Municípios.** Disponível em [WWW.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br), acessado em 10 de fevereiro de 2011.

IRIART, J. A. B; CHAVES J. C; ORLEANS R. G. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Caderno Saúde Pública.** Rio de Janeiro, 2009.

LESSA, S. **Trabalho, sociabilidade e individuação.** Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos-pdf901/trabalho-sociabilidade-individuacao/trabalho-sociabilidade-individuacao.shtml>>. Acesso em: 15 Nov 2009.

LUCÁKS, G. **História e consciência de classe:** estudo sobre a dialética marxista. Tradução: Rodnei Nascimento; revisão da tradução: Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes: 2003.

MARX, K. **Sociologia.** Octavio Ianni (org.). São Paulo: Ática, 1980.

_____. **O capital:** extratos por Paul Lafargue. 2ª ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

MARX, K; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista.** São Paulo: Instituto José Luis e Rosa Sundermann, 2003.

MELLO, R. **A necessidade histórica da educação física na escola:** a emancipação humana como finalidade. Tese de doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2009.

MÉSZARÓS, I. **Para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. **Filosofia, ideologia, ciência social** (tradução Ester Vaisnan). São Paulo: Boitempo, 2008.

NETTO, J. P.; BRAZ, M.. **Economia política:** uma introdução crítica. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 78-123.

SAVIANI, D. Perspectiva marxiana do problema subjetividade-intersubjetividade. IN: DUARTE, N. (org.) **Crítica ao fetichismo da individualidade.** São Paulo: Autores Associados, 2004.p.21-53.

SOUZA, R. Gramsci e a comunicação: a mídia como aparelho privado de hegemonia. **VII Jornada Multidisciplinar:** Humanidades em Comunicação. Disponível em: <http://www.faac.unesp.br/eventos/jornada2005/trabalhos/26_rafael_bellan.htm>. Acesso em: 3 set 2010.

VENÂNCIO, D. et al. Avaliação descritiva sobre o uso de esteróides anabolizantes e seu efeito sobre as variáveis bioquímicas e neuroendócrinas em indivíduos que praticam exercício resistido. **Revista brasileira de medicina do esporte.** Vol. 16, nº. 3, São Paulo, 2010.